Peru, Colômbia e Brasil: três eleições, cenários diferentes, mas a mesma luta[1]

Perú, Colombia y Brasil: tres elecciones, contextos diferentes, pero la misma lucha

Peru, Colombia, and Brazil: three elections, different scenarios, but the same struggle

Oscar Feo Istúriz[2]

O fim da unipolaridade e a emergência de um mundo multipolar evidenciam a profunda crise que o imperialismo liderado pelos EUA enfrenta. Essa crise das potências ocidentais é uma clara expressão de seu declínio político e moral, bem como de uma polarização acentuada, alimentada pela desigualdade econômica e pela exclusão social. Da mesma forma, o fracasso de suas recentes intervenções militares demonstra que a velha ordem não detém mais o monopólio do poder nem a capacidade de ditar unilateralmente as regras do jogo internacional. A Venezuela, vítima de uma recente intervenção militar e política, é palco de luta e resistência, onde muitos patriotas clamam pela construção de uma ampla frente nacional para resgatar a República e conquistar a independência nacional. O Norte Global agora só tem a força e a guerra como meios de se manter. O capitalismo, como sistema predatório, carece de um futuro viável, mesmo que seu desfecho histórico possa se prolongar por mais algumas décadas.

Nesse contexto geopolítico, a América Latina tornou-se uma arena crucial que a estratégia imperialista dos EUA busca controlar para conter sua própria crise de hegemonia global. É nesse cenário contestado que três países da região enfrentam processos eleitorais decisivos: nos próximos dias, Colômbia e Peru elegerão novos presidentes, enquanto o Brasil o fará em alguns meses. Essas eleições não apenas reconfigurarão a liderança interna, mas também se tornarão um campo de confronto direto entre candidatos que, de maneiras diferentes, expressam os interesses das maiorias oprimidas, versus candidatos que representam os interesses do Norte Global, a subserviência ao império e o avanço de uma extrema-direita internacional com uma clara inclinação trumpista.

1. Peru. Em um segundo turno, dois candidatos se enfrentam: Roberto Sánchez, da coalizão de esquerda Juntos pelo Peru, que busca unir o descontentamento dos setores rurais e da classe trabalhadora; e, do outro lado, Keiko Fujimori, líder do partido de direita Força Popular. Em sua quarta tentativa de chegar à presidência, Fujimori defende o voto conservador e a ordem institucional. Essas eleições são uma clara expressão do confronto entre o "Peru profundo" — rural, indígena, frustrado e oprimido — e as políticas excludentes que controlam a vida do país a partir de Lima.

---

[1] Artigo originalmente publicado em espanhol em: https://www.aporrea.org/internacionales/a353236.html. Traduzido e publicado em português com a permissão do autor.

[2] **Oscar Feo Istúriz** é um médico venezuelano de saúde pública. Foi consultor e especialista da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS/OMS) e do Instituto Sul-Americano de Governo em Saúde (antigo ISAGS UNASUL). Foi Diretor Executivo da Organização Andina de Saúde (ORAS) e membro fundador da ALAMES.

2. A Colômbia se prepara para sua eleição mais polarizada da história para determinar o sucessor de Gustavo Petro, que, por mandato constitucional, não pode ser reeleito. Essas eleições se tornaram um referendo direto sobre as reformas sociais do atual governo e a política de "Paz Total". Liderando as pesquisas está o senador de esquerda Iván Cepeda, porta-estandarte do Pacto Histórico, que busca dar continuidade ao projeto progressista com foco em justiça social, direitos humanos e transição energética. A oposição de direita disputa o segundo lugar entre a senadora Paloma Valencia, do Centro Democrático — que conta com o apoio do ex-presidente Uribe — e Abelardo de la Espriella, advogado de direita radical com uma retórica disruptiva de "tolerância zero" e um estilo outsider diretamente inspirado no argentino Javier Milei. O maior desafio da esquerda é vencer o primeiro turno; caso contrário, a Colômbia enfrentará um segundo turno de intensa tensão ideológica.

3. Brasil: Há uma polarização extrema entre o presidente Lula da Silva, que busca a reeleição para um quarto mandato, e Flávio Bolsonaro, senador e filho do ex-presidente Jair Bolsonaro. A campanha de Lula se baseia em ideais nacionalistas, na defesa da classe trabalhadora e na estabilidade econômica; enquanto isso, Bolsonaro, apoiado pelo bloco de direita, busca o apoio de eleitores conservadores e evangélicos. Essas eleições são cruciais para definir a hegemonia política e o equilíbrio de poder no continente.

Esses três países têm realidades muito diferentes, mas, para além de suas próprias nuances, expressam a mesma fratura histórica: o confronto aberto entre as forças "progressistas" que defendem os interesses dos povos oprimidos e lutam por sua emancipação, versus os candidatos do imperialismo, da extrema-direita e das grandes corporações transnacionais, determinados a perpetuar uma ordem de exclusão e subserviência e a salvaguardar os privilégios do antigo status quo global.

Por fim, é impossível separar o destino da América Latina do resultado das eleições de meio de mandato de novembro nos Estados Unidos. Com o governo de Donald Trump na metade de seu mandato e enfrentando níveis crescentes de desaprovação popular, essas eleições determinarão se os republicanos consolidarão seu controle legislativo ou se os democratas retomarão o controle do Congresso. No entanto, o indicador geopolítico mais revelador da crise interna do império não é apenas a disputa bipartidária, mas também o crescimento sustentado e a força popular dos movimentos que defendem o "socialismo democrático" dentro da própria sociedade americana. A ascensão dessas novas vozes populares mina o antigo Consenso de Washington e demonstra que a necessidade urgente de mudança sistêmica também está sendo semeada de dentro para fora.

Em resumo, estamos testemunhando as fissuras em um sistema global que está ficando sem tempo. A crise do imperialismo não é simplesmente uma situação econômica; é um colapso moral, político e social que está sendo contestado tanto nas urnas da nossa América quanto nas ruas do próprio Norte Global. Diante da agressão de um capitalismo predatório que só oferece a guerra como forma de sobrevivência, o futuro pertence aos povos que resistem e constroem alternativas soberanas. O momento da emancipação popular e da verdadeira independência da nossa República é agora; o desfecho desta história já começou. É por isso que, na Venezuela, estamos acompanhando de perto esses acontecimentos e dedicando todas as nossas forças à criação de uma frente anti-imperialista continental, bem como à construção de um grande acordo nacional para a recuperação da independência e a reconstrução do país. Continuamos a resistir!